



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Os Sentidos do(a) Pesquisador(a) na Compreensão da Paisagem Cultural Amazônica

Clondy Lúcia de Oliveira Agra¹

1 Introdução

Com grande número de povos, diferentes linguagens e costumes, a Amazônia constitui-se em enorme etnodiversidade, razão pela qual desperta o interesse de diferentes pesquisadores(as) com objetivos diversos. Tal etnodiversidade além de ser constituída por imigrantes de várias regiões do Brasil e de outros países do mundo é constituída, principalmente, por povos indígenas, caboclos, ribeirinhos e negros remanescentes com seus conhecimentos e riquezas culturais (CLAVAL, 2010, KOZEL ET. AL. 2007/2009, SOUZA, 2011, ALMEIDA SILVA, 2010).

Por acreditar que é na cultura que se constitui os sentidos que conduzem aos diversos significados, fiz esse estudo com o objetivo principal de demonstrar a importância da construção do sentido pelo(a) pesquisador(a) para a compreensão de paisagens culturais diversas. Para alcançar o objetivo proposto, investigo como o ser humano amazônico é descrito aos olhos de pesquisadores(as) e autores(as) a fim de conhecer e compreender com quais sentidos é representada a (s) identidade (s) cultural (ais) da (s) comunidade (s) da Amazônia sob esses olhares múltiplos. Para isso, faço, primeiramente, uma releitura dos estudos culturais iniciais que procuravam descrever essas comunidades e, a partir daí, observo como autores diversos descrevem a relação do ser humano amazônico com a água e a mata, suas analogias e significações culturais. Após essa exposição, faço uma incursão à Filosofia da Linguagem em Frege (1978) para através da compreensão de sentido desse filósofo, compreender também o sentido presente nas descrições geográficas, na contemplação das paisagens, na apropriação dos espaços e construção da noção de lugar.

Nessa incursão à Filosofia da Linguagem em Frege (1978), procuro evidenciar que a paisagem exprime concretamente a relação socioespacial

¹ Doutora em Geografia pela UFPR. Professora da Faculdade Interamericana de Porto Velho. UNIRON. E-mail: klondy2@gmail.com.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

produzida, reproduzida e transformada pelos agentes sociais, nas relações entre o agente social e o mundo. Destaco, também, que os sentidos, embora natos, recebem as influências culturais e, por isso, a percepção das paisagens que viabiliza a mediação, é formada por todos os modos de ações em que o indivíduo é situado no seio de uma cultura, no seu estar junto espacial, muito embora os sentidos nunca sejam exatamente os mesmos para cada indivíduo. Essa paisagem geográfica que comporta sentidos e significados é compreendida, neste estudo como um produto social, representado por agentes que lhe atribuem significados a partir de seus sentidos culturalmente construídos, formados em seus círculos de intersubjetividades e nas conformações identitárias desses grupos. Compreendo, a partir daí, a importância do sentido culturalmente construído para a análise de paisagens diversas e sua compreensão e indico que o(a) pesquisador(a), para construir sentidos na comunidade pesquisada, deva procurar pelos sentidos das comunidades observadas, com exausta e plena integração com a língua e a cultura para a construção de sentidos dentro dessa cultura e/ou a reavaliação dos sentidos e significados de sua própria cultura, com a especialização desses sentidos e compreensão de suas significações.

Para obter esses resultados, sob o quadro teórico de abordagem Cultural, defini o seguinte problema de pesquisa: Como os pesquisadores constroem sentidos na comunidade objeto de pesquisa?

À compreensão desse problema de pesquisa, formulei as seguintes perguntas:

- O que é o sentido culturalmente construído?
- Como o sentido culturalmente construído interfere na valorização ou não dos elementos naturais que cercam a comunidade amazônica?

Ao procurar por respostas, realizei uma imersão aos primeiros estudos culturais (WAGLEY, 1956; GALVÃO, 1972) sobre o amazônida, observando vários pesquisadores que se dedicaram a estudar as sociedades amazônicas originados e influenciados pela ecologia cultural stewardiana e o culturalismo boasiano de Charles Wagley. Entre eles, Emilio Moran, Eugene Parker, Richard Pace, com a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

observação de que esses trabalhos descreviam as sociedades, mas ainda não procuravam pela compreensão do homem (FRAXE, 2000, 2005; MURRIETA, 2000), até chegar às primeiras citações do sentido na geografia (DARDEL, 2011) e ao sentido procurado e exposto pelos geógrafos culturais (CLAVAL, 2019, 2010, 2011). Daí, com auxílio da filosofia da linguagem de Frege (1978) comprovo a importância do sentido culturalmente construído, respondo as perguntas de pesquisa e exponho os resultados. Este estudo demonstra que pesquisadores e estudiosos da Amazônia só começam a reconhecer que as organizações sociais das comunidades amazônicas diferem uma da outra e que essa pluralidade de formas está ligada ao modo de vida e nunca a determinação ambiental ou natural, não sendo possível um estudo generalizado dessas comunidades (SILVA, 1999; KOZEL et. al., 2007; 2009; ALMEIDA SILVA, 2010) a partir do envolvimento cultural com cada uma das comunidades pesquisadas em particular, com a construção do sentido e sua especialização. Desse modo, com este estudo se comprova o necessário envolvimento do(a) pesquisador(a) com a comunidade a ser estudada, para que o mesmo construa, reavalie e especialize sentidos no espaço de pesquisa para que só então, possa examinar, colher dados e dar resultados verdadeiros e não errôneos sobre as paisagens culturais analisadas.

2 Os primeiros olhares sobre a paisagem amazônica

A Amazônia brasileira começa a ser descrita pelos primeiros navegantes em fins do século XV, quando os espanhóis penetraram a região, seguindo o curso do Rio Amazonas (PRATT, 1992; GONDIM, 2007). Depois vieram outros navegantes em busca de riquezas: portugueses, franceses, holandeses, ingleses e irlandeses. No entanto, o que eles encontraram, à primeira vista, foram etnias diversas, que não lhes despertava o interesse. Homens e mulheres descritos, em relatos e literaturas, como seres selvagens e fantásticos. Seres vistos como diferentes comparados ao homem europeu, uma postura etnocêntrica que representou os atores dessas comunidades como criaturas vazias, destituídas de qualquer crença ou ideologia. Seres vistos sem sentidos, sem cultura, sem pensar – páginas em branco – sem histórias, prontas a serem moldadas, rabiscadas e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

redesenhas (SOUSA, 2004; SOUZA, 1994; TODOROV, 1978; SANTOS, 2007; FRAXE, 2000, 2005; MURRIETA, 2000).

Ao observar as primeiras produções de escritos sobre a Amazônia, nota-se, uma descrição carregada de comparações do ser humano aqui encontrado com os europeus, retratando o imaginário dos antigos viajantes que representavam o fantástico visto a seus olhos: desde o jardim do Éden ao antimundo (PRATT, 1992; GONDIM, 2007; SOUZA, 2001).

Nessas primeiras representações sobre o humano amazônico, as marcas do imaginário e do preconceito andam lado a lado (PRATT, 1992; GONDIM, 2007; SOUZA, 2001). Tais representações têm o olhar descritivo e não apresentam o interesse sobre o homem/mulher amazônico (a), seus sentidos culturalmente construídos ou seus significados culturais. Animais anfíbios, que vão ser os preguiçosos e aparentemente bondosos de Bates. Os estúpidos indolentes povos do mais baixo grau de civilização de Martius, ramo atrofiado, no tronco da humanidade, cuja apatia e falta de curiosidade inibe-os de conectar a civilização, representam visões caricaturais porque não apresentam consistência teórica que embasou a digressão mais prudente de Buffon (GONDIM, 1994, p. 135).

Esse olhar presente nas descrições do século XV, infelizmente, ainda se faz presente em vários relatos sobre a Amazônia. Um olhar legitimado por uma construção social permanentemente fortalecida pelo estigma da colonialidade. É como se aquilo que viveu Cristóvão Colombo e tantos outros nos séculos subsequentes estivesse permanente vindo à tona, onde o que prevalece é a autoridade e não a experiência (SANTOS, 2007).

Para grande parte da academia contemporânea, o marco fundador no estudo antropológico das sociedades ribeirinhas da Amazônia está nos trabalhos de Charles Wagley e Eduardo Galvão. Esses estudos culturalistas tiveram origem norte americana e descendem do particularismo histórico boasiano e da origem cultural de Julian Steward (HARRIS, 1978; NEVES, 1991; FURTADO, 1993).

Vários(as) pesquisadores(as) se dedicaram a estudar as sociedades amazônicas originados e influenciados pela ecologia cultural stewardiana e o



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

culturalismo boasiano de Charles Wagley . Entre esses pesquisadores, podemos citar: Emilio Moran, Eugene Parker, Richard Pace. No entanto, esses trabalhos descreviam as sociedades, mas ainda não procuravam pela compreensão do homem (FRAXE, 2000, 2005; MURRIETA, 2000).

De uma maneira geral, para os antropólogos americanos desse primeiro período, os amazônidas se expressavam na vida isolada em unidades familiares, com uma pequena agricultura familiar combinada com a caça e a pesca (FURTADO, 1993). Sendo notáveis nesses resultados que, mesmo com o envolvimento cultural de pesquisadores com a comunidade pesquisada, as percepções desses estudiosos sobre esses espaços continuavam compostos de representações compartilhadas em sua própria comunidade, estrangeiras à Amazônia.

Observa-se nessas primeiras descrições do ser humano amazônico que, apesar dos autores/pesquisadores julgarem-se aptos a descrever a cultura observada, ao analisar os modos de vida, seus relatos emitem juízo de valor. Pontos de vista formados através de sentidos construídos em suas próprias culturas de origem, sem interesse em compreender o ser humano observado. Pontos de vista, percepções e representações que, na compreensão dos costumes e modos de vida estranhos a sua cultura, sempre interferem.

Ademais, esses resultados de pesquisas diversas, produzidas nesse primeiro período, trazem o mesmo resultado de diários de viagem e diferentes literaturas sobre a região: veem o homem amazônico como atrasado e subdesenvolvido, descritos como seres sem cultura ou inferiores, homens e mulheres sem valores, com conhecimentos, sentidos e significados estrangeiros a eles, são descritos como prontos a serem moldados, modificados pelo colonizador. Em alguns casos, observa-se o espanto diante da região, como se ressalta em Euclides da Cunha (1999, p. 02): [...] o homem ali é ainda um intruso impertinente, chegou sem ser esperado nem querido - quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão.

Nesse olhar à paisagem amazônica, sem interesse ao estudo do homem e a sua cultura, esse autor relata e expõe ao mundo a sua própria realidade e não a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

reflexões teóricas filosóficas através dos estudos de Bourdieu (1930 – 2002), Eliade (1907 – 1986), Heidegger (1889 – 1976), Husserl (1859 – 1938), entre outros.

Neste estudo à compreensão do sentido e de como esse sentido culturalmente construído conduz a diferentes percepções, visões de mundo e construções de pontos de vista, recorri a Frege (1978) e a sua concepção de unidade de sentido, com base no clássico ensaio Sobre o Sentido e a Referência .

Gottlob Frege utiliza uma grande quantidade de argumentos para sustentar logicamente a afirmação de que o significado não é o objeto a que uma palavra se refere e que é necessário diferenciar, ainda, o objeto real e a palavra daquilo que é compartilhado socialmente como sendo o significado desse sinal e daquilo que cada um entende particularmente como sendo sua significação.

Compreende-se desse modo que a conexão regular entre o sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que a uma referência (a um objeto) não deve pertencer apenas um único sinal (Frege, 1978, p.63).

Porém, nem sempre ao sentido corresponde uma referência: “entender-se um sentido nunca assegura sua referência” (Frege, 1978, p.63). Tome-se, por exemplo, expressões como a Boiúna , algum assistente, qualquer passageiro do avião etc.; apesar de podermos apreender o sentido de tais expressões, elas não nos garantem uma referência.

Para Frege, então, o sinal é o elemento que remete à significação. O sinal é mais do que a palavra, mas é inclusive a palavra. A referência é a substância – quando ela existe. O sentido é a ideia compartilhada como referente, isto é, uma concepção geral que permite o entendimento dos significados simbólicos entre os membros de uma mesma cultura. A representação é a concepção pessoal acerca do referente (FREGE, 1978).

Para que o sinal possa atuar como elemento representativo deve estar associado a um sentido. Assim sendo, na minha compreensão do sentido em Frege (1978), esses cinco sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar) embora façam



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

parte da consistência humana, são sempre influenciados pelo contexto e cenário, ou seja, são construídos culturalmente. O que conduz ao sentimento de agradar ou desagradar, ao compreender ou não compreender, ao gostar ou ao não gostar. Fatores que conduzem as pessoas a verem somente o que interessa ou ao ouvir o que atendem seus próprios interesses. A cultura influencia fortemente a percepção do indivíduo, sua maneira de ver e sua maneira de pensar.

O Homem/mulher vive a remoldar de sentidos e significações o mundo. Graças às situações e tensões culturais a que está vinculado, esse ser cultural cria, renova, interfere, dá sentido à sua existência. Por isso mesmo, esse ser cultural vê, sente, compreende e divulga suas crenças e pensamentos com sentidos culturalmente construídos (CLAVAL, 2010).

O sentido construído culturalmente é o responsável pelos símbolos linguísticos utilizados na comunicação de atores de uma mesma comunidade, isto porque, esse sentido é compartilhado pelos falantes de uma língua. Definido como uma ideia geral que os falantes de uma língua associam a um sinal qualquer a respeito de um objeto do mundo real ou de mundos possíveis, o sentido é o responsável pela possibilidade de comunicação entre usuários de uma língua. Assim, quando um locutor fala uma palavra qualquer ou utiliza-se de um gesto culturalmente definido, espera-se que seu interlocutor entenda o que se está falando (FREGE, 1978).

Como neste estudo, tomamos as paisagens amazônicas para exemplificar esses sentidos e significâncias culturais, devo lembrar que as diferentes comunidades amazônicas variam no estilo de construção, em sua operação e manutenção, nas entidades que as preenchem e as decoram. Portanto, cada uma de suas comunidades varia em seus códigos culturais, ou seja, nos sistemas através dos quais os seus mundos são definidos, descritos e entendidos.

Portanto, a partir da unidade de sentido exposta em Frege (1978), compreende-se que nos estudos diversos o que deve ser observado em particulares culturas são os sentidos, pois são eles que conduzem aos significados culturais. É a partir desse sentido construído culturalmente que o pesquisador pode desvelar as



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Portanto, só com sentidos culturalmente construídos, reavaliados e/ou especializados, com a compreensão dos significados culturais, o(a) pesquisador(a) poderá evitar interferências dos sentidos construídos em sua própria cultura, uma interferência que pode conduzir a desvalorização dos elementos culturais observados e de uma descrição errônea das paisagens.

5 Referências

ALMEIDA, R. D. **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Territorialidades e identidade do coletivo kawahib da terra indígena uru-eu-wau-wau em Rondônia: "orevakiare" (reencontro) dos "marcadores territoriais**. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná - UFPR, em 2010, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutor em Geografia. Sob orientação do Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006 (1987).

BAKHTIN, Mikhail / VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BONNEMAISON, J. **La Géographie culturelle**. Paris: CTHS, 2001.

CLAVAL, P. **Epistemologia da geografia**. Tradução de Margareth de C. A. Pimenta, Joana A. Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

_____. **Terra dos homens: a geografia**. Trad. Madureira, Domitília. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Globalização, migrações, inclusão e exclusão: algumas reflexões**. In: ALMEIDA, M. G. & CRUZ, B. N. Território e Cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: UFG, 2009, pp.10-25.

_____. **Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

_____. **A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia**. In: MENDONÇA, Francisco e KOZEL, Salette (Org.). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.11-43.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

_____. **Épistemologie de la Géographie.** Paris: Édition Natan, 2001.

_____. **A Geografia cultural: o estado de arte.** In: ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (Org.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. pp.59 - 97.

COSGROVE, D. & JACKSON, P. **Novos rumos da geografia cultural.** Reproduzido em: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

COSGROVE, Denis. **Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria.** In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Introdução à Geografia Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 103-134.

_____. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998, pp.92-122.

_____. **Social formation and Symbolic Landscape.** Wisconsin Univ. Press, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria.** In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.). Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução.** In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, pp. 49-58. (Série Geografia Cultural).

CUNHA, Euclides da. **À margem da história.** São Paulo: Martins Fontes. 1999.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** Trad. Holzer, Werther, São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRAXE, T.J.P. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas.** São Paulo Annablume; Fortaleza: Secretaria de Desporto do Governo do Estado do Ceará.2000.

_____. Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha : mitos, lendas e transculturalidade,** 2005.

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Cultrix, 1978.

FURTADO, L. G. **Pescadores do Rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica.** Belém: MPEG, 1993. In: SHERER, E. &



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

OLIVEIRA, J. A. de. **Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural**. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.

GALVÃO, E. **Panema: uma crença do caboclo amazônico**. Revista do Museu Paulista, São Paulo, n.º 5. 1951. p.221-225.

GOLDIM, N. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1997.

HARRIS, M. **What it means to be caboclo: Some critical notes on the construction of Amazonian caboclo society as an anthropological object. Critique of Anthropology**, 18:83 – 95, 1998. In: SHERER, E. & OLIVEIRA, J. A. de. **Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

KOZEL, Salette. **Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas**. In: KOZEL S. et al (org.): **Da percepção e cognição à representação**. São Paulo. Terceira Margem, 2007. pp.114-13.

_____. SILVA, J. da C., GIL FILHO, S. (Org.) **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. Terceira Margem: São Paulo, 2007.

_____. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a "capital ecológica"**. São Paulo, 2001. Tese de Doutorado-Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

132

_____. NOGUEIRA. A. R. B. A. **Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida**, In: Revista do Dep. de Geografia de São Paulo. FFLCH-USP. 1999 (13), pp. 239-257.

MCDOWELL, L. **A transformação da Geografia Cultural**. In: GREGORY, D. et all. (Org.) **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996

MURRIETA, R. S. S. 2000. **The Dilemma of the "Chibé"-eater: food choices, ecology and everyday life among peasant communities in the Lower Amazon, Brazil**. Department of Anthropology. Boulder. PhD. University of Colorado.

PRATT, Mary L. **Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation**. New York: Routledge, 1992.

RELPH, Edward. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Geografia, v. 7, n. 4, pp. 1-25, abr., 1975.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

SAHR, W. G. J. D. **Linguagem, imagem e o performativo: Um tour d'horizon na Nova Geografia Cultural.** Palestra proferida no I Colóquio Nacional do NEER. Curitiba, 2005. Disponível em: [HTTP://www.invencionweb.com.br/neer/mesas](http://www.invencionweb.com.br/neer/mesas). Acesso em 02/11/2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Do pós-moderno ao pós colonial. E para além do outro.** Disponível em: http://www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf. Acesso em: 28/07/2013.

SAUER, Carl O. **A educação de um geógrafo.** GEOgraphia, v.2, n.4, p.137-150, 2000.

_____. **A morfologia da paisagem.** In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998, pp. 12-74.
SOUSA, Lucileyde Feitosa, KOZEL, Salette e SILVA, Maria das Graças. Estudo das Percepções, dos Signos e da Linguagem na Construção do Espaço e Representação dos Barqueiros do Rio Madeira. Revista Geografar. UFPR. 2009, pp. 108-111.

SOUSA, Lucileyde Feitosa. **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia: Uma relação humanista com o rio.** Tese submetida em 2012 ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná - UFPR, para a obtenção do Título de Doutor em Geografia. Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Salette Kozel.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, Álvaro José(1991). **Geografia Linguística: Dominação e Liberdade.** São Paulo: Contexto.

TODOROV, Tzevtan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TUAN, Yi-Fu. Espaço & Lugar. **A perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

WAGLEY, Charles (1976). **Amazon Town: A Study of Man in the Tropics.** New York: OUP.